

GESTÃO EM ARTES VISUAIS

Módulo 1

O Conceito de Gestão

Unidade 2

Artista e produção artística.

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo



Cursos de Artes Visuais
FAALC – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Na aula anterior foram tratadas algumas questões gerais da Gestão, especialmente no que diz respeito ao Sistema de Arte e ao Circuito de Arte.

A partir daqui vamos falar um pouco mais disso tomando como ponto de partida o Artista, então:

O que é um Artista?

Esta é uma questão difícil de responder na atualidade em função das diferentes poéticas praticadas, das condutas, proposições e condições de existência das manifestações artísticas em geral.

Mesmo assim é preciso tenta tentar respondê-la e, para isto, pode-se tomar o percurso temporal da História da Arte e observar os aspectos que permaneceram e os que mudaram durante todo este tempo.

Como foi aqui colocado, o artista é o *Destinador* das Obras de Arte, seu criador, seja ele quem as realiza ou atribui sua produção a terceiros, sejam assistentes ou empresas para a realização de suas propostas.

***2.1 – Artista e Produção
Artística.***

Como dito anteriormente, o artista é o *Destinador*, sendo ou não o produtor/executor das obras pois o contexto da Arte, fosse ou anterior ou o contemporâneo faculta a possibilidade do artista se ater prioritariamente à concepção sem ser, necessariamente, o único operador de técnicas, materiais, ferramentas e aparelhos destinados à produção, nem sempre é quem manipula todos os requisitos físicos e materiais para produção e/ou montagens e demais recursos necessários à configuração das Obras de Arte.

Isto sempre aconteceu em boa parte da produção artística desde os primeiros momentos da humanidade, fosse nos canteiros de obras, oficinas, ateliês e estúdios. Então, como se configura esta personagem no contexto da História da Arte?

Deve-se refletir sobre os requisitos para identificar os requisitos que levam uma pessoa a ser considerada artista de acordo com a época e lugar em que é assim nominada, neste sentido, o que caracteriza alguém como artista depende disto. Enfim o que se sabe a respeito e quanto isto importa no contexto social?

A resposta para isto podem auxiliar a compreensão do Sistema de Arte como tal e, conseqüentemente, como isto ajuda a entender a Gestão neste sistema.

Para responder às questões aqui colocadas é necessário olhar para trás.

Admite-se que a Arte Visual tenha surgido com os primeiros seres humanos na Pré-história, no Paleolítico Superior, há mais ou menos 30.000 anos. É muito tempo para retroceder, mas é importante buscar referências anteriores para compreender o agora.

Para criar as primeiras imagens os seres humanos partiram da observação do meio no qual viviam e, para configurá-las se apropriaram daquilo que tinham à sua volta: gravetos incinerados, minerais, vegetais, gordura e suas próprias mãos na práxis configurativa das imagens que plasmaram nas paredes das cavernas nas quais se abrigava, ou nos objetos representando figuras que observava à sua volta.

Embora seus conhecimentos fossem ainda muito rudimentares, é necessário reconhecer que, para configurar tais imagens, dependia de *capacidade cognitiva de observação, memória, raciocínio* sobre as condições luminosas e espaciais, ou seja, requeria além da *capacidade intelectual*, também de *domínios de habilidades manuais*, ou seja, *psicomotoras*, para realização de suas propostas.

Tendo isto em vista pode-se admitir que aquelas pessoas eram tão capazes para a criação quanto são as de hoje em dia. Portanto o acúmulo de conhecimento promoveu a qualificação e intensificação da produção artística, mas *sua essência gerativa ou motivadora* já se manifestava desde os primeiros momentos da humanidade nas pessoas que passaram a ser chamadas de artistas.

Pode-se admitir também que tais pessoas dependiam de habilidades que não eram inatas, congênitas ou mágicas, portanto requeriam esforço e dedicação para alcançar competências e preparo.

É possível supor também que este preparo era feito para que, no momento em que realizasse as imagens na superfície da rocha, não ocorressem erros já que não há vestígios de retoques em tais imagens.

É de se supor que eles exercitassem tais habilidades para a realização de suas imagens, já que nem sempre tais representações mostram figura de animais totalmente acabadas e muitas vezes superpostas.



Leões na caverna de Chauvet, França.

Desde o início os seres humanos são capazes de observar o entorno e de converter informações luminosas em imagens e depois configurá-las em algum lugar, inicialmente, na superfície das cavernas.

São também capazes de plasmar imagens sem tê-las em presença. Têm memória visual suficiente para trabalhar no interior de uma caverna em baixa iluminação, em posições extenuantes e, mesmo assim, criar imagens, estas são habilidades fantásticas.

Não se sabe exatamente o que os motivou a fazerem tais imagens. Supõe-se que fossem parte de rituais propiciatórios.

Mas independente dos motivos, é importante reconhecer que os componentes plásticos, poéticos e também estéticos já se mostram, o que leva a supor que tivessem também prazer em realizar tais imagens. De lá para cá foi apenas uma questão de aprimoramento, de conscientização ou conceitualização.

As Manifestações Artísticas, como se sabe, só produzem sentido se realizadas, constituídas por meio de substâncias expressivas dentro de suas modalidades próprias e em suas poéticas. No entanto, nem sempre, esta foi a compreensão aceita ou compartilhada. Inicialmente o artista era o artesão que dominava as habilidades motoras para a realização de objetos conceituais, simbólicos ou ornamentais.

A função intelectual do produtor de arte só vai se tornar reconhecida a partir do Renascimento.

Até o século XIX as atividades do artista eram configuradas e dependentes de suas habilidades motoras, artesanais.

A Modernidade liberta a psicomotricidade da produção artística cuja consequência é a instauração das proposições, intervenções e performances tratadas como ocorrências e não mais como objetos.

Considerando tais transformações, hoje em dia, os artistas são conceituados de modos diferentes do que eram nos séculos anteriores, logo, compreender a Arte atual implica também em compreender os modos por meio dos quais ela é realizada e, como consequência, entender as *Estratégias Criativas* adotadas para realizá-las.

A mudança de *status* ou estado do artista, também decorre ou implica em mudanças dos estatutos do Sistema de Arte, seus meios de realização e manifestação.

Logo, falar sobre o Artista não é simples, dada a diversidade e complexidade dos fazeres da Arte.

Na tradição acadêmica bastava reconhecer as habilidades de reproduzir/criar imagens que dialogassem com o mundo natural e com modelos, gosto ou as tematizações requeridas pela sociedade de seu tempo para reconhecer um artista, entretanto, atualmente isto não basta, mesmo porque tais habilidades ou vinculação a modelos não são fatores importantes na atualidade.

Embora o domínio de habilidades para a manipulação de instrumentos e materiais utilizados na criação de Obras de Arte ainda seja um dos fatores que se mantêm e ainda tenham valor, especialmente quando se trata da realização de objetos, isto não se configura como uma prioridade ou condição para “toda” a produção artística contemporânea.

A expansão ou mudança dos procedimentos criadores do fazer manual para as performances do corpo, para o ambiente, o espaço e atuações destituíram quase que por completo a “objetualidade” que caracterizava a Arte da tradição.

Hoje em dia, não se requer habilidades para construção de objetos capazes de reter neles próprios esta “artisticidade”, mas sim em propor, configurações, circunstâncias e situações em que sejam problematizadas questões de caráter estético.

Tais manifestações não buscam mais a materialidade física de um objeto, mas ocorrem por meio de instaurações, intervenções, instalações e da realização de eventos que mobilizem a atenção, participação, interação com algo, alguma coisa ou alguém que proponha a participação, apreciação, fruição ou simplesmente a constatação de que acontecimentos espaciotemporais também são reconhecidos como Arte.

A “artisticidade” não reside apenas nos objetos como antes, mas também nas proposições, atitudes e performances realizatórias. As manifestações de Arte atuais nem sempre têm corpos físicos e materialidade, podem ser apenas um momento, uma atitude, uma ação que esvanece no tempo e no espaço.

Arte é mais essência e cognição e menos objetos e manufatura.

Logo, saber quem é ou não um “artista” é antes de tudo identificar os procedimentos dos quais se utiliza para performar, fazer, realizar, empreender, promover, produzir as “Obras de Arte” que, por sua vez não são só coisas, mas estados, circunstâncias e situações, então é necessário identificar critérios para categorizar ou classificar o que se entende por Arte e não apenas para nomear o que se acha que é Arte.

O problema é que tais critérios também mudaram de acordo com a compreensão ou interesse dos momentos ou de quem os identifica ou usa.

Para os estudiosos basta que o criador se dedique às manifestações estéticas que dialogam com a contemporaneidade mas, para a crítica, nem sempre esta atitude atende aos critérios de julgamento.

O mesmo pode ser dito dos marchands, dos galeristas e especuladores que dependem da materialidade das obras para que o processo mercantil se instaure. Então as manifestações artísticas não aboliram totalmente suas maneiras tradicionais de existir, pinturas, esculturas, desenhos, gravuras e fotografias, entre outras, convivem com Intervenções, Instalações e Performances.

Por sua vez, as instituições que cuidam de Obras de Arte, operam a partir de condições de ordem técnicas, políticas ou conceituais com as quais convivem ou pactuam para incorporarem, admitirem a presença de uma ou outra obra realizada por um ou outro produtor no seu acervo ou em suas mostras já que têm responsabilidade sociocultural.

Enfim, neste universo nebuloso em que a Arte atual se instaura há uma grande dependência da educação e do ensino tanto dos produtores quanto dos fruidores.

Não parece que o sistema educacional, especialmente no contexto fundamental e médio, está conseguindo educar para a Arte como deveriam.

É perceptível que grande parte dos estudantes que ingressam no ensino superior têm pouca informação sobre Arte.

Artista é o termo genérico empregado para nomear alguém que produz algo que corresponda ao que a sociedade considera como Arte. Entretanto, nem sempre a sociedade entende a Arte da mesma maneira. Em cada época e lugar há algo que se pode chamar de Arte, neste sentido, há que haver correspondência entre tempo, espaço e sociedade aas Obras: uma *Vigência*.

Vigência é o tempo durante o qual algo vigora. Na pré-história, por exemplo, pode-se dizer que o sujeito que produzia o que se passou a chamar, posteriormente de Arte, possuía habilidades cognitivas e psicomotoras para realizar imagens embora não houvesse qualquer expectativa estética por parte da sociedade na qual vivia, optou-se por chamar de Arte às produções daquele tempo.

Tais imagens não parecem ter sido produzidas para viabilizarem valores estéticos e conceituais, o mais provável, de acordo com as hipóteses mais comuns: eram destinadas a rituais de caráter propiciatório e simbólico, logo, não faziam parte do espectro do que se chama Arte hoje em dia, tampouco o sujeito que a produzia seria considerado apenas Artista, mas poderia ser reconhecido como Xamã ou feiticeiro.

Seria então, alguém que mediasse os anseios, interesses e necessidades do coletivo com o sobrenatural e tinha respeito e valor perante o seu grupo. É possível admitir que as manifestações de caráter artístico fizessem parte de rituais propiciatórios tanto da caça quanto da procriação. Isto os aproximaria dos rituais do Vodou, por exemplo, e não necessariamente dos fazeres artísticos, mas é assim que são compreendidos .

Na antiguidade o pouco de simbolismo que restou da Arte pré-histórica foi absorvido pela propaganda ideológica e política que servia à manutenção do poder dominante, fosse dos Faraós e seus sacerdotes, do domínio grego ou do império romano para a criar ou auxiliar a manutenção do poder conquistado. Assim a Arte participa dos Palácios, Templos e Túmulos enaltecendo seus governantes, deuses e heróis.

Ainda na sociedade medieval o regime feudal e o domínio religioso também mantiveram a Arte atrelada aos seus interesses e sem liberdade para expressar os anseios ou interesses dos grupos dominados. Durante todo este tempo os Artistas eram artesãos especializados na prestação de serviços de produção de imagens destinadas à ornamentação e relatos sobre os detentores do poder.

Embora cumprindo funções ideológicas e decorativas, as manifestações decorrentes da Arte revelam também a práxis de seus produtores por meio de suas habilidades técnicas ou plásticas, esta é a *constante* que tem se revelado desde estes períodos. O problema é que estas habilidades eram construídas individualmente ou definidas pelas Guildas e corporações de ofício.

A formação destes produtores era realizada de modo informal e conduzida pelos proprietários das oficinas dos diferentes ofícios em troca da acolhida e de alimentos para os Aprendizes. Os Mestres, Oficiais eram as “profissões” e/ou funções típicas destes ambientes destinados a produzir as imagens que ocupavam os espaços públicos ou privados. A Arte ou os artistas não eram totalmente “autônomos”

Uma pequena mudança deste perfil subserviente vai ocorrer no Alto Renascimento com a criação das Academias de Arte. A partir daí este ensino passa a ser sistematizado e valorizar, além das habilidades técnicas, o conhecimento sobre filosofia, história e geometria. A partir daí surge o conceito de Personalidade Artística ou gênio que perdura até o Modernismo.

O ensino Acadêmico não dispensa as habilidades manuais e artesanais ao contrário, ele as aprofunda e especializa ao ponto de torná-las uma referência no campo da Arte e constituir modelos para as Escolas estilísticas clássicas como as do próprio Renascimento, as do Maneirismo, Barroco e do Neoclassicismo francês que gerou as escolas de Belas Artes da qual também herdamos o estilo no século XIX.

Voltando à questão do Artista, a versão novecentista ainda resiste nos núcleos conservadores apesar da passagem do tempo e das transformações estéticas que a Modernidade e Pós-modernidade trouxeram para a Arte atual. Tomando por referência o recorte da tradição, entende-se o Artista como alguém capaz de transformar algo em sentido, em expressão, em Arte a partir do visível.

A versão tradicional investe na habilidade técnica e na realização formal estética como prioridade para os fazeres da Arte. A significação de tudo que o artista faz está confinada e contida nos objetos de Arte que realiza e menos nos conceitos que os orientam. Assim o valor do trabalho artístico se dá por meio das habilidades que demonstra.

Entretanto os domínios necessários a um artista compreendem as habilidades de caráter cognitivo, mas ainda e em algumas circunstâncias, também se esperam domínios psicomotores. Desde as Vanguardas Históricas as questões da motricidade estavam centrados na Plástica e em suas manipulações e transformações.

Aos poucos a questão da plasticidade vai deixando de ser prioritária, ai entram em cena as articulações, performances, atitudes, intervenções que não dependem necessariamente dos fazeres manuais, mas de organização conceitual, espacial e performativa, assim muitas Obras de Arte deixam de ter corpos e se tornam intervenções, circunstâncias e situações.

Na Pós-modernidade, a Arte de cognição, baseada em proposições, é chamada de *Arte Conceitual* que passa a orientar boa parte das manifestações contemporâneas. Tais manifestações, por um lado, não têm como pré-requisito as habilidades do fazer manual, por outro exige a intelectualidade, domínio prioritariamente cognitivo.

Neste sentido o artista atual não é mais o “fabricador” de objetos e obras corpóreas, mas sim propositor e gestor de ideias, projetos e potencialidades tornando-os viáveis de várias maneiras, seja por meio da visualidade, de instalações, interações ou de atividades que promovem a participação e compartilhamento coletivo. Assim o foco, as condutas e função dos artistas mudam.

Identificar hoje quem se enquadra na categoria de Artista requer o conhecimento de várias instâncias desde os processos constitutivos que decorrem ou recorrem tanto aos meios tradicionais quanto atuais para a produção/realização de Obras de Arte. Os Artistas atuais, além de *mixed media* modernos são hoje os multimídia contemporâneos.

Pode-se dizer que a melhor referência para reconhecer tais profissionais seria identificar pessoas que investem na *produção estética*, ou seja, em atividades que geram *Obras de Arte*, por meio de diferentes circunstâncias, níveis e contextos, lançando mão dos vários saberes e fazeres e, na falta de melhor nomenclatura, pode-se continuar chamando-os de Artistas.

Como Atividade complementar você pode explorar o site Arte Visual Ensino e acessar Multimídia para assistir alguns vídeos e tutoriais para ampliar sua visão sobre a produção artística. Aproveite também para ler algumas Reflexões: N.5 V.1 – Arte Visual: vocação ou formação. N.6 V.2 – Autodidatismo e a Arte Visual.

Em **Textos**, no site, você encontrará:

O que é um Artista de Sarah Thornton.

Pense como um Artista, de Will Gompertz.

Isso é Arte? De Will Gompertz.

Para mais informações sobre artistas e processos, assista aos *Tutoriais* disponíveis em MULTIMÍDIA - Tutoriais:

Os dois Audiovisuais de Rosana Paulino e também os de Anselm Kiefer, Jackson Pollock e Picasso.

Por meio deles é possível compreender melhor as diferentes possibilidades e problematizações propostas pelos artistas em seus projetos.

Refleta também à respeito de algumas questões:

Produção artística;
Conceitos de Arte; Artista;
Sistema de Arte;
Autonomia Artística;
Liberdade de expressão artística; Validação de Obras de Arte, Valoração de Obras de Arte;
processos constitutivos de Obras de Arte, enfim, pense sobre o que leu e procure encontrar relações com o contexto atual.

Responda a estas questões e encaminhe até a próxima aula:

1. O que você entendeu por Artista?
2. Quando pode-se dizer que surge a “função” do artista?
3. Como as manifestações artísticas produzem sentido ou significado?
4. De que depende a ideia de “*artisticidade*”
5. Como se caracteriza um artista na atualidade?

Não se esqueça que CONTATO é o acesso dedicado a esclarecer dúvidas.

Reforço que a metodologia aqui utilizada é de Estudos Dirigidos, portanto, é você quem organiza os horários no seu tempo e o período de estudos que dedica ao seu aprendizado para o domínio dos conteúdos. Você é o gestor de seus estudos e construtor de sua autonomia, é isto que fará de você um profissional competente ao longo de sua carreira em Arte Visual.